

## PLE/PLA NA UFRR: CONQUISTAS E DESAFIOS

Maria da Conceição Lopes - UFRR<sup>1</sup>

**Resumo** - O cenário atual de grande mobilidade de estrangeiros vindos da Venezuela em Roraima trouxe mudanças conjunturais econômicas e sociopolíticas e fez emergir um público interessado na aquisição da língua portuguesa. Os atores envolvidos nos projetos de ensino de Português Língua Estrangeira mobilizam-se em busca de definir uma concepção teórica que entenda o português para além da estrutura linguística e envolvem-se em discussões sobre as diferenças entre ensinar português na perspectiva de língua de acolhimento, segunda língua (L2) ou língua adicional. Este trabalho coloca foco nas características gerais do ensino do Português como língua estrangeira (PLE) na UFRR, mais especificamente o ensino direcionado aos alunos estrangeiros do pré PEC-G, oriundos dos diversos países com os quais o Brasil mantém acordo de cooperação. A ida do curso PLE/PLA para o CAp, levou-o a ser o único Colégio, no Brasil, a se tornar um dos pilares da internalização de uma universidade. Foi importante trabalhar de forma integrada, a linguística, a comunicação, a cultura, as leis, os direitos e deveres, o “agir no mundo”, alfabetizar e letrar ao mesmo tempo, ensinar, de forma holística preparando o aluno para as diversas situações que a vida pode propiciar. Em 2017, (6%) dos estudantes conseguiram certificação nível avançado, o mesmo aconteceu em 2018. Em 2017, (34,5%) não foram certificados, enquanto em 2018 todos foram certificados. Em 2017 o modelo adotado pelo curso era de extensão e em 2018 já estava funcionando como curso PLE/PLA do projeto de Internacionalização da Universidade Federal de Roraima – Colégio de Aplicação. Em 2019 tivemos 1 aluna que alcançou o nível mais alto que é o avançado para completar a satisfação com a oferta do curso. Em 2020, apesar da pandemia e do ensino no modelo remoto, foi mantida a aprovação de 100% dos alunos que participaram do curso.

**Palavras-chave** – Internalização; Colégio de Aplicação; PLE/PLA; UFRR; PEC-G

### 1. Introdução

O cenário atual de grande mobilidade de estrangeiros vindos da Venezuela em Roraima trouxe mudanças conjunturais econômicas e sociopolíticas e fez emergir um público interessado na aquisição da língua portuguesa. Para atender a esse público, as instituições de ensino superior e organizações não governamentais passaram a ofertar cursos de língua portuguesa para estrangeiros. Consequentemente, surgiram nesses novos contextos de ensino-aprendizagem diferentes formas de entender esse processo, vivências de situações socioeducativas que reinterpretam, fixam ou recriam conceitos de língua, ensino, aprendizagem, aquisição, dentre outros interligados ao fenômeno de mobilidade humana

---

<sup>1</sup> Professora da Universidade Federal de Roraima. E-mail: mcllopes07@yahoo.com.br

vivenciado em no estado que está localizado na tríplice fronteira.

Os atores envolvidos nos projetos de ensino de Português Língua Estrangeira mobilizam-se em busca de definir uma concepção teórica que entenda o português para além da estrutura linguística e envolvem-se em discussões sobre as diferenças entre ensinar português na perspectiva de língua de acolhimento, segunda língua (L2) ou língua adicional.

De acordo com Grosso (2010) “a Língua Estrangeira é a língua e a cultura do outro que, por várias razões, sempre suscitaram grande curiosidade; a testemunhá-lo estão os vários métodos de ensino das línguas e a procura, durante séculos, do método ideal para ensiná-la”.

Nessa perspectiva, a autora destaca que também o conceito de segunda língua é plurissignificativo, é definido como a língua de escolarização, que contribui para o desenvolvimento psicocognitivo da criança num contexto em que a língua-alvo é língua oficial.

Por fim, explica que a língua de acolhimento ultrapassa a noção de língua estrangeira ou de segunda língua. Pois, as pessoas recém-imersas numa realidade linguístico-cultural necessitam realizar novas tarefas linguístico-comunicativas, sejam no comércio, no trabalho, no consultório médico, atividades do cotidiano que devem ser realizadas, neste caso, em língua portuguesa.

Na perspectiva de Lefa e Irala (2014) o ensino de língua estrangeira deve ser efetivado considerando-a Língua Adicional, concepção que defende que a LE deve ser “construída a partir da língua ou das línguas que o aluno já conhece [...] O sistema, incorporando principalmente o léxico e a sintaxe, é construído sobre a língua que o aluno conhece, às vezes estabelecendo contrastes, como, por exemplo, a ênfase nos heterossemânticos no ensino do espanhol [...]”. Esses autores acrescentam que “o uso do termo “adicional” traz vantagens porque não há necessidade de se discriminar o contexto geográfico (língua do país vizinho, língua franca ou internacional) ou mesmo as características individuais do aluno (segunda ou terceira língua).

Constata-se, nesse contexto, a importância de o professor de língua portuguesa para estrangeiros conhecer e seguir uma perspectiva teórica em sua prática docente e, no caso das instituições, de adotá-la no planejamento linguístico dessas práticas.

Este capítulo coloca foco nas características gerais do ensino do Português como língua estrangeira (PLE) na UFRR, mais especificamente o ensino direcionado aos alunos

estrangeiros do pré PEC-G<sup>2</sup>, oriundos dos diversos países com os quais o Brasil mantém acordo de cooperação.

O estado de Roraima é, historicamente, conhecido pela sua diversidade sociocultural e linguística. De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – Censo 2010 – Roraima é, proporcionalmente, o estado brasileiro com maior concentração de povos indígenas do país. A população indígena roraimense é composta por povos de mais de uma dezena de etnias diferentes, sendo a maioria pertencente à família linguística Karib (Makuxi, Taurepang, Ingarikó, Wai-wai, Patamona, Wamiri-Atroari e Yekuana), além dos Wapixana (família Aruak) e dos Yanomami (língua isolada), que falam quatro línguas ou ramificações: Sanuma, Yanomami, Ninan/Yanan e Yanomam (MIGLIAZZA,1972). Estes povos ocupam, atualmente, 32 terras indígenas homologadas (46,2% do território do Estado de Roraima), geograficamente distribuídas em 11 regiões: Amajari, São Marcos (alto, médio e baixo), Baixo Contigo, Serra, Surumu, Raposa, Serra da Lua, Murupu, Wai-wai, Taiano e Yanomami.

Nesse contexto multilíngue, a Universidade Federal de Roraima criou, em 2009, a Coordenadoria de Relações Internacionais (CRINT/UFRR), a qual tem como missão: promover, organizar e nortear a formação de redes e ações de internacionalização nos âmbitos do Ensino, Pesquisa e Extensão. Como salienta Nobrega (2014, p. 64), “no Brasil, os dados atuais mostram que a internacionalização ocorre de forma diferenciada em cada Instituição de Ensino Superior”, entretanto, o país tem se esforçado para acompanhar essa tendência mundial.

A oferta do PLE/PLA na UFRR começou em 2007 e estava vinculada ao departamento de Letras. A partir de 2012 o curso foi ofertado sob a responsabilidade da CRINT/UFRR que administrou essa oferta de 2012 a 2017. A partir do ano de 2018 a oferta do curso foi feita pelo Colégio de Aplicação – CAp/UFRR em parceria com a CRINT, conforme a seguinte estrutura:

---

<sup>2</sup> O PEC-G é uma atividade de cooperação, cujo objetivo é a formação de recursos humanos, a fim de possibilitar aos cidadãos de países em desenvolvimento com os quais o Brasil mantém acordos educacionais ou culturais realizarem estudos universitários no país, em nível de graduação, nas Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras participantes do PEC-G. O programa de Estudantes Convênio de Graduação (PEC-G) é administrado pelo Ministério das Relações Exteriores por meio da Divisão de Cooperação Educacional do Departamento de Cooperação Científica Técnica e Tecnológica (DCE/DCT/MRE) e pelo Ministério da Educação por meio da Divisão de Assuntos Internacionais da Secretaria de Educação Superior (DAI/ SESu/MEC). O Programa de Estudantes-Convênio de Pós-Graduação (PEC-PG), criado oficialmente em 1981, oferece bolsas de estudo para nacionais de países em desenvolvimento com os quais o Brasil possui acordo de cooperação cultural e/ou educacional, para formação em cursos de pós-graduação strictu sensu (mestrado e doutorado) em Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/sesu/index.php?option=content&task=view&id=435>>. Acesso em: 15 Ago. 2021.

a CRINT continuou responsável pela parte administrativa, cabendo ao CAp/UFRR à parte pedagógica. Com essa parceria conseguimos, até o ano de 2020, uma aprovação de 100% de todos os alunos que frequentaram às aulas no CAp/UFRR.

A ida do curso PLE/PLA foi uma grande conquista para todos os envolvidos estrangeiros como também para o CAp, que recebeu a demanda, por meio da aprovação do projeto de ensino do curso PLE/PLA, pela Câmara de Educação Básica, o projeto, na época foi aprovado por unanimidade e isso levou o CAp a ser o único Colégio, no Brasil, a se tornar um dos pilares da internalização de uma universidade, então a proposta de criação do curso de Língua portuguesa para estrangeiros, no formato em que foi idealizado e aprovado não trouxe benefícios apenas para os alunos oriundos de outros países, mas também beneficiou a quem o estava acolhendo e podemos observar no fragmento do relato da professora do CAp, Robélia Saraiva Hahm, que participou da equipe pioneira nessa modalidade de ensino, em uma instituição de educação básica.

O ano de 2018, sem dúvida, proporcionou um grande diferencial à história do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Roraima, bem como na vida e na história de alguns de seus professores, pois, pela primeira vez, a instituição recebeu a missão de ensinar a Língua Portuguesa a alunos estrangeiros de alguns países da África e da América Central (SARAIVA HAHM, 2020).

O PRÉ-PEC-G, Pós-médio como foi denominado no CAp-UFRR, é o programa que objetiva ofertar um curso de Língua Portuguesa a alunos estrangeiros que já concluíram o Ensino Médio em seus países de origem e pretendem fazer a graduação, Bacharelado no Brasil. O curso, entre outras ações, tem como principal objetivo preparar a sua clientela para a prova de proficiência em LP, Celpe-Bras, pré-requisito para o ingresso desses alunos na vida acadêmica. No entanto, com um diferencial, porque aos alunos também foram ofertadas as disciplinas de História, Arte, Teatro e Geografia, além das disciplinas de Língua Portuguesa (oral e escrita) e práticas linguísticas.

Ao desenhar esse curso, outra preocupação era montar uma grade curricular que atendesse a necessidade comunicativa do aluno, em imersão total, em qualquer língua, no caso específico aqui, em língua portuguesa do Brasil e ao lado disso, o fizesse sentir-se familiarizado com a prova de proficiência Celpe-Bras, no sentido de que tanto na vida diária, nas interações comunicativas quanto na prova de proficiência, esse estudante teria que demonstrar um conhecimento que vai além do conhecimento estritamente linguístico, ele precisa conhecer e entender a cultura, os fatos históricos do país, a geografia para se localizar no espaço e no mundo geograficamente falando, mas metaforicamente também.

Esse “novo mundo” precisa fazer sentido para ele, precisa produzir uma resposta, um entendimento, uma consciência de seus direitos e deveres como cidadão, agora também, desse novo país. Esse aluno em alguns momentos terá que fazer escolhas com base nessas novas referências e não mais seguindo as referências do seu país e isso é possível constatar em “gestos” simples que ele usa ao falar, comum, nos seus países, mas que no Brasil causa estranhamento, desconforto, tem significado pejorativo. E a prova de proficiência traz questões que exigem conhecimentos contextuais e situacionais que dependem de todo esse conhecimento de mundo construído a partir de outras disciplinas, conhecimentos específicos de outras áreas, em língua portuguesa.

Então, pode-se dizer que todos os professores ensinam a língua portuguesa, cada um com seus conhecimentos específicos. E, levando os alunos para o Colégio de Aplicação, nós já conseguimos resolver muitos problemas.

Quando o curso era ofertado como “curso de extensão” chegava às vésperas do início das aulas e muitas vezes não se sabia onde seria a sala de aula, em qual bloco, qual departamento teria uma sala para cedência ao atendimento dessa demanda.

Em 2017, por exemplo, não tínhamos um lugar para ficar e foi muito difícil vivenciar esses momentos de iniciar um trabalho sem ter uma referência, um bloco, uma sala de aula pré-determinada, isso causou um desgaste desnecessário, a todos os envolvidos. Sem contar que os professores, ministrantes das aulas, que ainda eram alunos da graduação do curso de Letras e estavam no quinto ou sexto semestre.

A meu ver, muita responsabilidade para quem está ainda estudando, está aprimorando o conhecimento linguístico, adquirindo conhecimento didático e metodológico, esses acadêmicos não precisam passar por momentos tão desgastantes e desanimadores. Nesse sentido, quero colocar o exemplo de uma acadêmica que, na metade do curso, me pediu para sair e disse que tinha suportado até aquele momento para não deixar essa professora com mais problemas e que nunca mais pretendia entrar em uma sala de aula como professora.

Necessário se fazer uma reflexão no sentido de analisar o quanto foi frustrante para essa acadêmica todo esse processo que deveria ter sido um momento encantador, para despertar a esperança que move um professor, que o faz levantar a cada manhã e seguir para sua jornada de construção de pessoas, que o faz estudar mais, se dedicar mais, respirar fundo e seguir em frente não apenas para ganhar seu salário dignamente, mas para realizar um processo mágico e encantador que é o processo de ensino/aprendizagem. Veja só o que estávamos fazendo com



nostros futuros professores, tolhendo-lhes o prazer, o encantamento que a profissão nos propicia.

Nesse novo formato de curso também tem espaço para os acadêmicos dos vários cursos que a UFRR oferta, mas esse acadêmico não carrega o peso da responsabilidade de preparar os alunos para uma prova de proficiência da qual depende seu ingresso na academia científica. Entendemos que é de suma importância ofertar esse espaço para a construção da prática profissional, mas tendo-se em consideração que uma pessoa em formação na graduação não deve ter, sobre seus ombros, o peso e a responsabilidade inerente a quem já é especialista, mestre, doutor na área de atuação.

O que foi diferente no ano de 2018 para o acadêmico Leonardo Cunha, que se viu privilegiado com a área de conhecimento da bolsa, a língua portuguesa para estrangeiros, um desafio que ajudou tanto aos alunos quanto ao bolsista. Já que o mesmo, para ensinar, teria que estudar mais a sua língua materna, para assim ministrar as aulas com base na língua portuguesa àqueles que estavam com o desejo de aprender a nova língua, diferente daquela que já tinham domínio.

Foi importante trabalhar de forma integrada, a linguística, a comunicação, a cultura, as leis, os direitos e deveres, o “agir no mundo”, alfabetizar e letrar ao mesmo tempo, ensinar, de forma holística preparando essa pessoa para as diversas situações que a vida pode propiciar e dando a ela condições para se sobressair de todas e quaisquer situações do cotidiano que possa aparecer.

Nesse sentido, ofertamos a disciplina de práticas linguísticas, que propicia ao aluno a oportunidade de vivenciar o que se aprende na sala de aula, em situações reais e não fictícias. Para isso temos aula no supermercado, na padaria, na feira livre, nos shoppings, nos bancos, nas farmácias, no posto médico da Universidade, nas praças, nos pontos turísticos da cidade, nas igrejas, nas feiras de artesanato, nos eventos da universidade, nos eventos do Colégio de Aplicação, nas gincanas, nos outros *campi* da UFRR. Imersão total na língua portuguesa, na cultura e costumes do povo brasileiro. Isso também foi motivo de reflexão para a equipe de professores, pois ensinar português para os falantes nativos é bem diferente de ensinar português para falantes de outros idiomas, para os primeiros nem sempre o professor tem a certeza de que ensinou, ele tem a certeza de que ministrou suas aulas, já para os segundos, o professor ver o produto do seu próprio trabalho de forma muito nítida e é levado a refletir sobre o seu fazer didático/pedagógico/metodológico, repensar sua prática, reestruturar seu planejamento para que, de fato, atinja seus objetivos.

Figura 01: Centro de Artesenato (2018)



Figura 02: Feira Livre (2018)



Fonte: Acervo da pesquisa da autora

Figura 03: Evento Cores e Linguagens (2019)



Figura 04: Gincana CAp (2018)



Fonte: Acervo da pesquisa da autora

Figura 05: Gincana CAp (2019)



Figura 06: Sala de Aula (2019)



Fonte: Acervo da pesquisa da autora

Observe-se nas figuras anteriormente colocadas que já não existem mais estrangeiros, somos um só grupo, imersos em um idioma que já era nosso, nos torna um só grupo, com um só objetivo: a aquisição de uma competência comunicativa, do sucesso diário.

O processo de reflexão e de ressignificação da práxis docente talvez tenha sido o maior ganho obtido com esse trabalho. Essa oportunidade singular foi, para todos os envolvidos, alunos, professores, coordenadores, colegas de trabalho, equipe docente e discente, um momento especial e nenhum sujeito participante desse processo jamais esquecerá esse momento inovador.

Todas as disciplinas são voltadas para o ensino da cultura e da história regional e nacional, porque não se aprende uma língua sem um contexto, do qual, desde que chegaram, os estudantes passaram a ser parte integrante. A ideia era de que eles aprendessem a língua a partir de um conhecimento mais amplo. E assim não ficassem em situação de vulnerabilidade diante da sociedade brasileira por desconhecerem a língua e a cultura do povo brasileiro.

Ensinar para além dos conhecimentos puramente linguísticos, oportunizar a esses jovens uma aprendizagem para além dos muros da UFRR, para além do sucesso na prova de proficiência, oportunizando a esses alunos o aprimoramento de suas habilidades comunicativas de forma a interagir com todas as pessoas em quaisquer momentos e situações de suas vivências tornou-se nosso maior desafio.

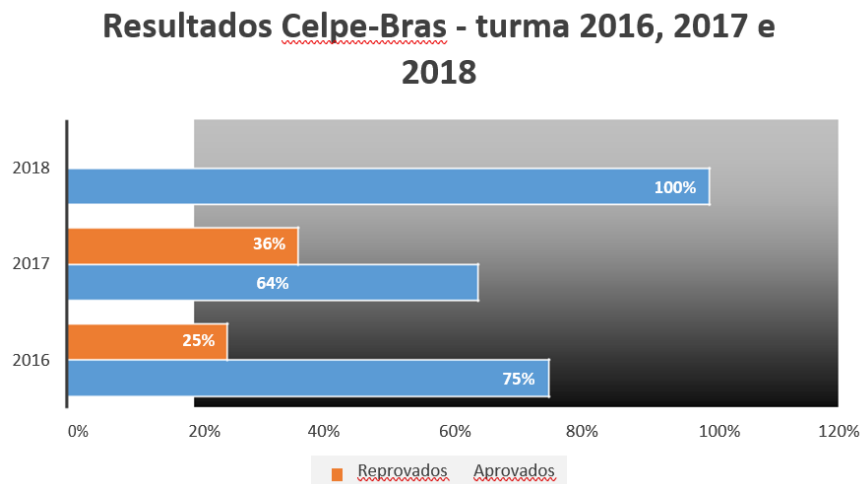
Para os estudantes, aprender o idioma usado no Brasil era o principal objetivo, pois esse os levaria a alcançar o sucesso na prova de proficiência e, assim, ingressar na graduação. Porém, eles descobriram, ao longo da experiência, que essa aprendizagem transcendia a aprovação no, considerando o uso para se comunicar diariamente em todos os lugares frequentados, bem como com as pessoas de sua convivência.

Essas experiências enriqueceram nossa busca para soluções de dúvidas, quanto à eficiência metodológica didática utilizada na preparação e apoio oferecido a estes estudantes estrangeiros na UFRR, pois entendemos que o Celpe-Bras avalia o uso da linguagem de modo mais amplo, não focalizando em áreas específicas como a acadêmica e/ou a profissional, como ocorre com outros exames de proficiência de língua adicional.

Em 2016 e 2017 o curso preparatório para o exame Celpe-Bras oferecido pela Universidade Federal de Roraima era na modalidade de extensão, tendo como professores apenas bolsistas acadêmicos da UFRR, a partir de 2018, teve-se a primeira turma com professores formados e um planejamento com metodologia e didática diferenciada, o gráfico 1, abaixo apresenta os resultados da prova do Celpe-Bras.



Gráfico 1: Resultados do exame Celpe-Bras (turmas 2016, 2017 e 2018)



Fonte: Elaborado pela autora (2018)

Observa-se no gráfico 1 acima que em 2016 o percentual de aprovados correspondeu a 75% (setenta e cinco por cento), em 2017 percentual de 64% (sessenta e quatro por cento) e em 2018, 2019 e 2020 obteve-se uma aprovação de 100% (cem por cento), isto é, todos os estudantes estrangeiros que participaram do curso foram aprovados, no último ano ainda tivemos o agravante da pandemia da COVID 19 por um lado e, por outro a flexibilização do [Decreto N° 7.948, de 12 de março de 2013](#), que trata da entrada e permanência dos alunos PEC-G. Essa flexibilização oportunizou aos alunos a opção para decidir se fariam a prova em dezembro de 2020 ou se deixariam para fazê-la no ano de 2021 e todos os alunos que optaram por fazer o exame, foram aprovados e mais uma vez conseguimos manter 100% de aprovação.

As teorias relacionadas à avaliação de línguas ou à análise de algum instrumento específico podem mobilizar tanto conhecimentos da área da Linguística Aplicada ao ensino de línguas, quanto de outras áreas, como a da Psicometria, campo de estudos da Psicologia que analisa o significado das medidas e, para tanto, se apoia na Teoria da Medida e em metodologias estatísticas. Neste sentido, o estudo de avaliações de línguas é potencialmente interdisciplinar, uma vez que outros campos do conhecimento contribuem para o debate sobre a qualidade dos instrumentos. Assim, nem sempre a aprovação de todos em um curso, significa que o curso já está estruturado, já está pronto, acabado.

O exame Celpe-Bras é o único exame de proficiência em Português Brasileiro reconhecido pelo MEC. Através dessa avaliação, o candidato pode receber um dos quatro certificados de proficiência: Intermediário, intermediário Superior, Avançado e Avançado Superior ou ser avaliado para nível Básico, para o qual não existe certificação, o gráfico 2 abaixo, apresenta os resultados da certificação de proficiência no Exame Celpe-Bras, das turmas 2017 e 2018 do curso PLE/PLA da UFRR.

Gráfico 2: Resultados de certificação de proficiência (Turmas 2017 e 2018)



Fonte: Elaborado pela autora (2018)

No gráfico 2, visualiza-se que em 2017, 2 estudantes (6%) conseguiram certificação nível avançado, mesma quantidade obtida na turma 2018 que também foram 2 estudantes (18,5%), mas percentualmente do total da quantidade de cada turma, em 2017 foi menor que 2018. É possível observar também que em 2017, 11 estudantes (34,5%) não foram certificados enquanto na turma de 2018 todos foram certificados, esta é uma demonstração de que houve mudanças entre as duas turmas comparadas. Em 2017 o modelo adotado pelo curso era de extensão e em 2018 já estava funcionando como curso PLE/PLA do projeto de Internacionalização da Universidade Federal de Roraima – Colégio de Aplicação. Em 2019 tivemos 1 aluna que alcançou o nível mais alto que é o avançado para completar a satisfação com a oferta do curso.

Entende-se que é por meio de instrumentos avaliativos que podemos analisar o nosso trabalho em sala de aula, bem como aferir o rendimento de nossos alunos e atividades desenvolvidas durante um curso, para que possamos redirecionar nossas ações com base nos resultados obtidos.

Entendemos, pelos resultados, que estamos no caminho certo, que demos o primeiro passo entre muitos que nos esperam. Segundo Fidalgo (2006), a avaliação seria, então, um processo dialógico, no qual aluno e professor poderiam se autoavaliar, constituindo-se como um elemento indivisível do ensino.

A partir da necessidade de mais estudos sobre avaliação no contexto brasileiro e de minha experiência como professora/avaliadora de Português no Programa de Português para Estrangeiros (PLE/PLA) da UFRR, a partir 2016, meu interesse na pesquisa de instrumentos avaliativos e a repercussão destes em âmbito acadêmico e, conseqüentemente, na vida dos alunos, cresceu ainda mais.

Não podemos negar que toda a avaliação, mesmo que não seja um exame de larga escala, tem efeitos sobre o ensino e repercute na visão do que seja proficiência para os alunos, já que o construto de linguagem exigido nos testes será uma de suas referências para a construção de seu conceito de aprendizagem. Assim, a avaliação propicia a reflexão do aluno sobre o que é aprender uma Língua Estrangeira e o que é valorizado pela escola/professor nesse processo.

A avaliação é um processo que tem como objetivo a coleta de informações para gerar subsídios para que os avaliadores interpretem a capacidade potencial sobre o uso ou conhecimento de um determinado domínio por parte dos examinandos.

## **2. Práticas linguísticas desenvolvidas nas aulas de campo**

Como sabemos, aprender uma nova língua está intimamente relacionado ao aprendizado de uma nova cultura, o que implica em outro modo de ver o mundo. Nessa perspectiva, não é possível conceber o ensino do PLE com o foco apenas na estrutura gramatical e vocabular da língua portuguesa.

Nesse sentido, entre as várias abordagens que fundamentam o ensino de línguas estrangeiras, destaca-se a abordagem comunicativa. Esta abordagem preocupa-se com a língua além de sua estrutura gramatical, trata do uso da língua em contexto real. Para Almeida Filho (1998), ser comunicativo significa preocupar-se mais com o próprio aluno enquanto sujeito e agente no processo de formação através da língua estrangeira. Isso significa menor ênfase no ensinar e mais força para aquilo que abre ao aluno a possibilidade de se reconhecer nas práticas do que faz sentido para a sua vida do que faz diferença para o seu futuro como pessoa (ALMEIDA FILHO, 1998, pg. 42).

Nessa perspectiva, o aluno é o centro da aprendizagem e o principal responsável por seu desenvolvimento. Outro ponto de destaque é o foco no sentido e na interação entre sujeitos. Assim, o aluno aprende a comunicar-se, na nova língua, por meio do uso nas mais diversas situações do cotidiano. Esse modo de ensino, ainda conforme Almeida Filho (1992,p. 45),

consiste naquele que organiza as experiências de aprender em termos de atividades relevantes, tarefas de real interesse, bem como as necessidades a fim de que o mesmo possa adquirir a capacidade de utilizar a língua-alvo para realizar ações reais na interação com outros falantes-usuários dessa língua. (ALMEIDA FILHO 1992)

Entende-se, assim, que o papel do professor deve ser buscar perceber as necessidades de aprendizado e supri-las, por meio das “atividades relevantes”, visando o desenvolvimento da competência comunicativa. Essa competência é compreendida por Canale e Swain (1980), como a junção de conhecimentos e habilidades diversas que são requeridas para a comunicação. Os autores destacam que há, nesse caso, uma interligação de quatro competências, a saber: gramatical, que refere-se ao domínio do código linguístico; sociolinguística, ao conhecimento de regras socioculturais de uso; discursiva, diz respeito ao modo como se combinam os termos e os significados em diferentes gêneros; e, estratégica, que quer dizer domínio de estratégias de comunicação. Os autores entendem, a partir disso que, “podemos dizer que um indivíduo possui competência comunicativa se sabe quando falar, quando não falar, a quem, onde e de que maneira falar” (CANALE e SWAIN, 1980, p. 42). Configura-se, assim, uma aprendizagem da língua voltada para a comunicação.

Figura 07 – Aula de campo na Escola Agrotécnica da UFRR



Fonte: Acervo da pesquisa da autora

Figura 08 – Campus Cauamé Figura 09 – Museu do solo no Campus

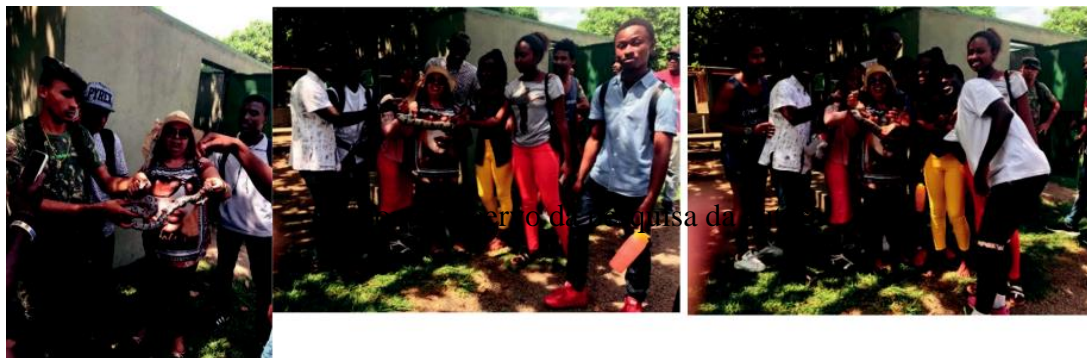




Fonte: Acervo da pesquisa da autora

As aulas nos outros Campis da UFRR também propiciam momentos de interação com outros estudantes, com outros professores e com outros conteúdos. No Campus Cauamé está o Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Roraima – CCA/UFRR. Como a maioria dos alunos vem de países com forte tendência em agricultura doméstica, o CCA torna-se um lugar interessante para se conhecer e estudar um pouco sobre plantio, irrigação, tipos de solo, correção do solo, adubação, dentre outros assuntos. Nessa perspectiva, também temos aula na Escola Agrotécnica da UFRR, a Eagro, visitamos os laboratórios, como o laboratório de produção de alimentos, a criação de animais como o aviário, a horticultura, dentre outros lugares. E nesses ambientes os alunos aprendem muito na troca de experiência com todos os agentes de informação e de comunicação envolvidos nesses momentos, o que os tornam singulares e demasiadamente ricos de informações e construção de conhecimento para o “agir no mundo” em língua portuguesa, momentos importantes para a construção da cidadania e do respeito para consigo e para com o outro, independentemente se estrangeiro ou não.

Figura 10, 11 e 12 – Visita ao 7º Batalhão de Infantaria de Selva



No sétimo batalhão de infantaria de selva de Boa Vista, no estado de Roraima, os alunos aprenderam sobre os animais silvestres, sobre a recuperação e alimentação desses animais e sobre as leis brasileiras de proteção a fauna e a flora silvestre, puderam chegar bem perto dos animais, dividir conhecimentos e interagir com outras pessoas que ali estavam. Uma experiência muito proveitosa para todos.

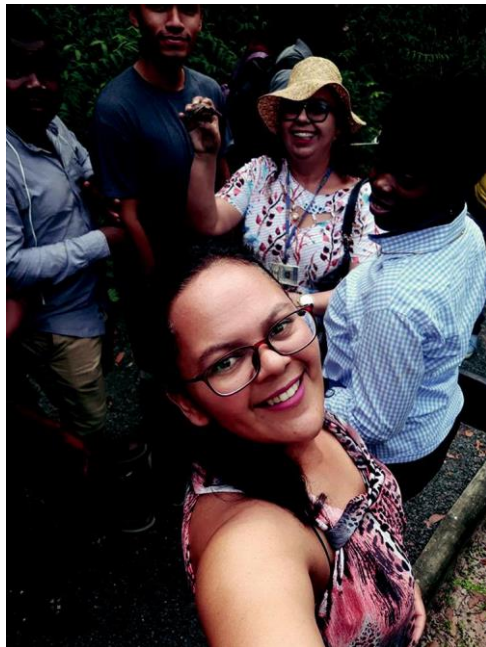
Figura 13 Visita turística – Monumento ao Garimpeiro



Fonte: Acervo da pesquisa da autora

Como é possível observar na foto treze, a visita aos pontos turísticos da cidade faz com que os alunos, de certa forma, vivam e reflitam sobre a História desse povo, suas origens, sua cultura, sua riqueza, enfim, observe, por meio dessas visitas, o que foi estudado nas aulas de História, de Geografia, dentre outras disciplinas. O que torna sempre esses momentos enriquecedores, pense, por exemplo, visitar a Igreja Matriz e descobrir que lá existe uma imagem que tem mais 300 anos, saber de onde ela veio e como chegou até aqui é um aprendizado muito importante. Observar o monumento aos pioneiros e saber como começou a cidade de Boa Vista, saber sobre seus primeiros habitantes, como viviam, nos leva a refletir, sobre nossas origens, a formação do nosso povo e leva o aluno não só a aprender a nossa História como também a observar as semelhanças e diferenças existentes, mas História de formação dos povos, mas na História da sua própria formação, enquanto pessoa e imigrante nesse processo de intercâmbio.

Figura 14 – Bosque dos Papagaios



Fonte: Acervo pessoal da autora

A figura quatorze é uma foto feita no Bosque dos Papagaios, uma pequena reserva de fauna e flora da região. No percurso feito para conhecer as espécies, encontramos um filhote de jabuti. Todos os alunos ficaram interessados em comentar sobre os animais, plantas e fazer as comparações com o que existe em seus países de origem.

### **3. Considerações Finais**

Todos os desafios enfrentados ao longo desse processo, juntamente com os resultados obtidos ao longo do desenvolvimento desse trabalho, nos evidenciam que o ser humano está disposto a passar por mudanças e transformações cognitivas e comportamentais para evoluir e ampliar seus horizontes e conhecimentos, atuando como sujeitos ativos na construção de sua própria história e aberto às modificações necessárias, sejam elas individuais ou coletivas. Essa constatação é um indicador de que um sujeito, quando motivado, por uma necessidade ou interesse, é capaz de construir experiências produtivas que podem mudar, não apenas a sua realidade, mas a realidade de outros sujeitos.

Para concluir, devo dizer que ao longo dos anos de 2017 a 2020, não somente ensinei como também aprendi muito com essa experiência, adquiri novas percepções no ensino PLA/PLE. Estive diante de outros costumes, cultura e, durante o curso, compartilhamos ideias, aprendizagens, tivemos momentos de empatia e de olhar um ao outro como olhamos a nós mesmos, para que todos pudessemos chegar a um resultado positivo nas nossas experiências de vida, cada sujeito contribuindo, cooperando e aprendendo ao mesmo em que ensinava. Todos nós tivemos nossas vidas modificadas e nossas experiências ampliadas. Ensinamos para além da sala de aula.

### Referência

AZEVEDO, Mario. L.N.; CATANI, A. M. Educação Superior, internacionalização e circulação de ideias: ajustando os termos e desfazendo mitos. **Interação**, UFG, Goiânia, v. 38, n. 2, p. 273-291, mar. 2013.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Secretaria de Educação Superior (2006). **Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros: Manual do Candidato**. Brasília: MEC.

\_\_\_\_\_. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o **Plano Nacional de Educação - PNE** e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm)>. Acesso em: 25 ago. 2021.

LEFFA, V. J. **Metodologia do ensino de línguas**. In: BOHN, H.; VANDRESEN, P. (Orgs.). Tópicos de linguística aplicada: o ensino de línguas estrangeiras. Florianópolis: UFSC, 1988, p. 211-236.

GROSSO. Maria. J. R. **Língua de acolhimento, língua de integração**. Horizontes de Linguística Aplicada, v. 9, n.2, p. 61-77, 2010.

MOSER, Sandra Maria Coelho de Souza. **Atividades Lúdicas e Jogos em sala de aula de Língua Estrangeira**. Maringá, 2004.

MOROSINI, M. C. Estado do conhecimento sobre internacionalização da educação superior - conceitos e práticas. **Educar**. Editora UFPR: Curitiba, n.28, p. 107-124, 2006.

NOBREGA, M. H. Intercâmbios educacionais e diversidade cultural: implicações para o ensino de português para falantes de outras línguas. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. Belo Horizonte, v. 14, n. 1. P. 61-81, 2014.

SARAIVA HAHN, Robélia Cristina. PLE Colégio de Aplicação: Vivências pedagógicas com alunos estrangeiros. In **Português Língua Estrangeira Adicional em contextos multilinguísticos: relatos de momentos acolhedores pelos meandros do ensino**. LOPES. M da C. (org.). Boa Vista: Editora da UFRR, 2020.



SCARAMUCCI, M. V. R. O exame Celpe-Bras: impactos nas percepções de professores e candidatos em contextos de PLE. In: Congresso Internacional de Política Linguística na América do Sul. **Língua(s) e povos: unidade e diversidade**. João Pessoa: Ideia, 2006. p. 270-276.

SCHLATTER, Margarete. Inimiga ou Aliada? O papel da Cultura no Ensino de Língua Estrangeira. In: Indursky, F.; Campos, M. C. (org.) **Discurso Memória e Identidade**. Coleção Ensaio, Porto Alegre: Sagra. 2000. P 517-527.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1994.